

DEPOSITO LEGAL

MUNDO GRÁFICO

131

FEB 1942



Começaram na
Serra da Estrêla
os
desportos na neve
que têm
destas imagens
de alegria
(Cliché Kodak)



B. B. C.

A Voz de Londres fala
e o Mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em
24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V

Sumário

- A BAIXELA DA EPOPEIA, de Rocha Martins
CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»
GENERAL MAC ARTHUR, biografia
A GUERRA NO PACÍFICO
QUATRO SÉCULOS DE DURADORA AMISADE ENTRE PORTUGAL E A MILENÁRIA CHINA, por S. Saboya
DIPLOMATAS PORTUGUESES
A CONQUISTA DE BENGHASI
A ALEGRIA DA NEVE, de Rogrigo de Mello
O PODER NAVAL DOS ESTADOS UNIDOS
A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão
A INGLATERRA E A AMÉRICA BATEM-SE PELA LIBERDADE DO MUNDO
CASTELOS DE GONDAR
A GUERRA NO DESERTO
FIGURAS E FACTOS
ÚLTIMA HORA
MEMÓRIAS DE CHURCHILL
A UM CANTO DO CLUB, por A. Santos
SOMBRA DA CIDADE
ACTUALIDADES INTERNACIONAIS
PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim
FIGURAS ILUSTRES DA VELHA INGLATERRA
CRÓNICA ALEGRE, de Pedro de Nelas
A CONQUISTA DE LISBOA, por Alves de Azevedo
CINEMA, de António Lourenço



Portugal, país de marinheiros

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



DIA E NOITE...

Os inigualáveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS



M. ME CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA—RIO DE JANEIRO

A BAIXELA DA EPOPEIA

de ROCHA MARTINS

EM Outubro de 1816 anunciava-se a chegada à Inglaterra da fragata «Pêrola» que conduzia cinquenta e cinco caixas com a baixela de prata oferecida a lord Wellington por ordem do Príncipe Regente D. João ausente no Brasil.

Os governadores do Reino, incumbidos do presente, mandaram-no executar sob a direcção do inclito pintor Domingos António de Sequeira tendo por colaboradores artistas portugueses. Nenhum estrangeiro dera o mais insignificante auxilio áquele trabalho potentoso com que Portugal agradecia ao soldado britânico a sua grande acção libertadora.

A obra era composta de simbolos e evocava a história da luta contra os franceses invasores desde a revolta dos portugueses, em 1808, até à paz geral de 1814. Consta de treze tabuleiros um dos quais constituia o centro tendo seis cada lado. As figuras, artisticamente esculpidas, eram Tagides, Grifos e Génios que se collocavam ante a Vitória oferecendo-lhe louros e flôres. Coreas de ninfas formavam esplendente friso ostentando as grinaldas e palmas simbolos das que se colheram nos doze mais renhidos combates da Península em que tomara parte o exército anglo-luso.

Serpentinas de seis lumes ressaíam nas extremidades do platô, encostadas a três lanças laureadas. No centro, erguiam-se núcleos de três fachos. As terrinas grandes assentavam sobre os braços das Nereidas; quatro tritões sustentavam as terrinas pequenas. Os ornatos eram Minerva em alusão no acto de Perseu ao arrebatador Andromeda das garras do monstro marinho sob a égide da deusa.

As facas, colheres e garfos tinham gravadas as armas do heroi, em relevos de ramos de louro, e de carvalho.

As alegorias sucediam as legendas no sóclo e nas colunas do platô:

«Levantamento de Espanha e Portugal, proclamando os seus legítimos soberanos e sacudindo o jugo de Bonaparte, em Junho de 1808.»

Na Coluna direita lia-se: Roliça, 17 de Agosto de 1808. Combate dado por Ingleses e Portugueses; Vimeiro 21 de Agosto, batalha ganha por Ingleses e Portugueses.

A passagem do Douro, a 12 de Maio de 1809, as batalhas de Talavera, Bussaco, Barrosa, com suas datas ornavam a coluna da esquerda.

No sóclo avultava: Olivença; 17 de Abril de 1810 tomada por Portugueses e logo Fuentes de Honor, 3 e 5 de Maio de 1811, combates gloriosos dados por Ingleses e Portugueses. As outras alusões, que lembravam ainda bandeiras esvoaçando, referiam-se a mais feitos dos Aliados: Albuera, Arroio Molinas, Ciudad Rodrigo e Badajoz tomada de assalto dos franceses pelos exércitos unidos.

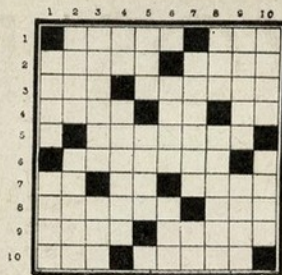
Ao Centro da magnífica peça lia-se a dedicatória:

«Por Ordem de S. A. R. o Príncipe Regente de Portugal O. O. ao Grande Duque da Vitória os Governadores do Reino. Em Memória dos gloriosos triunfos alcançados na Guerra de Peninsular pelos Exércitos Português, Inglês e Espanhol do seu Comando desde 1808 até 1814.»

Seguiam-se, ainda, mais inscrições: Salamanca, Madrid, Vitória, S. Sebastião. Virivem, S. Marçal e Santo António, Bidassôa, Nivele, Nive, Bordeus, o clangor da epopeia anglo-hispano-lusa na mais monumental obra de arte oferecida ao vencedor de Napoleão.

VERTICAIS

- 1 — Embarcação asiática; Espécie de tatu.
- 2 — Pão alto; Invejosa.
- 3 — O vento do sul; Olhas.
- 4 — Prof. de negação; Que é dos ares.
- 5 — Poema ltrico; Calca.
- 6 — Borboleta diurna; Nome de mulher.
- 7 — Esquivo; Pron. pessoal.
- 8 — Fileira; Artéria que nasce no ventrículo esquerdo do coração (pl.).
- 9 — Contorno; Substância com que se fabricam as velas ou tochas.
- 10 — Patrões; Veículos de guerra.



PROBLEMA N.º 31

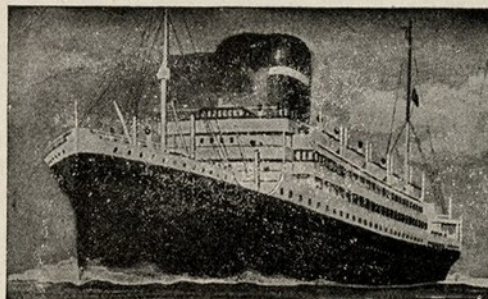
HORIZONTAIS

- 1 — Depósito de pólvora; Constelação austral.
- 2 — APELIDO DO ALMIRANTE DE ESQUADRA, 1.º «SEA LORD» E CHEFE DO ESTADO MAIOR INGLÊS; Acólá.
- 3 — Lamentos; Terraço.
- 4 — Utensílio de fôlha; Graceja; Artigo (pl.)
- 5 — Repetir.
- 6 — Faisca eléctrica.
- 7 — Gemido; Pertences; Bolina.
- 8 — Tornai habitado; Dez (inglês).
- 9 — Campeões; APELIDO DO COMANDANTE EM CHEFE DA ESQUADRA NORTE-AMERICANA.
- 10 — Chefe indígena africano; Origem.



Solução do Problema N.º 30

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE «SERPA PINTO»

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES

- «Serpá Pinto» 8.267 T.
- «Mouzinho» 8.374 »
- «Colonial» 8.309 »
- «João Belo» 7.540 »
- «Guiné» 3.200 »

VAPORES DE CARGA

- «Pungue» 6.290 T.
- «Malange» 5.050 »
- «Lobito» 4.200 »
- «Sena» 1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgilio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

REFLEXOS DO MUNDO

Churchill sorri



Na sua visita ao Canadá, no final do ano, o primeiro ministro britânico,

Churchill — rival na glória de Pitt, em cuja alma se encarna o génio inglês — pôde verificar como os domínios se batem, em unísono, com a ilha que é a ponte de comando das forças da liberdade e da humanidade.

A sua voz ecoou no parlamento canadiano. No fim do seu histórico discurso foi consagrado com a maior ovação que se tem ouvido naquela austera casa.

Não só no parlamento, mas entre o povo, a visita de Churchill despertou um entusiasmo vibrante, que chegou à apoteose. Em Ottawa, a multidão encheu a cidade. Uma das coisas que mais o cativaram pelo seu pitoresco nacional foi um barrete de peles canadiano, que, solenemente, lhe ofereceu uma comissão.

O primeiro ministro, ao aceitá-lo, disse que talvez se tivesse dado um curioso caso de telepatia:

— «Ainda hoje ao acordar, me lembrei que me seria bem útil um destes barretes de peles, tão práticos e tão quentes. Precisava de um!

Pode ser que amanhã o vejamos com o seu barrete de peles — rival do célebre barrete de Clemenceau — o pai da outra vitória.

Um duelo jornalístico



Outra de Churchill, igualmente na sua visita ao Canadá.

Numa das conferências que teve com a imprensa, os jornalistas, como sempre, foram excessivamente indiscretos. O primeiro ministro britânico, sustentou, admiravelmente, o duelo, por vezes com o seu humor habitual, lembrando-se talvez dos seus tempos gloriosos de reporter de guerra.

Um jornalista perguntou-lhe, a certa altura, qual a intenção de Hitler a respeito de determinado país. Resposta de Churchill.

Não sei. Ele não me disse nada...

E poderia ter ajuntado: «Estamos de relações cortadas.»

Logo a seguir outro quis saber se tinham sido feitas sondagens de paz à Inglaterra.

«Não. Suponho que estão tão aflitos com a falta de matérias primas que não querem perder papel e tinta».

Para quê, de facto, tal despeza uma vez que a resposta britânica é já conhecida?

Qual seria?

Encerrava-se o I Salão de Trabalhos Infantis, na Sociedade Nacional de Belas Artes com uma festa dedicada aos pequeninos expositores. Uma tarde de encantamento para a petizada. No final, um baile que encheu a sala de pares gentis... de palmo e meio.

Uma petizinha de 4 anos, quando a orquestra executava os primeiros acordes de uma valsa, vai buscar um garotito, ainda mais novo do que ela, e arrasta-o para o meio do salão. Pára, porém, hesitante, abandona o par, e desata em vertiginosa correria. Algém atravessa-se-lhe no caminho e pergunta-lhe porque abandonou o «cavalheiro».

— Vou perguntar à minha mamã qual é a mão que se põe no ar, que já me esqueceu.

E lá foi.

Marlene assambarcada



Muita gente procura garantir contra os riscos de guerra as suas maiores preciosidades.

Marlène Dietrich, por exemplo, agora, que é acusada de ter comprado nada menos que um milho de pares de meias de seda. É preciso, porém, dizer que as pernas de Marlène valem essas meias porque são tão espirituais que têm sido premiadas em numerosos concursos.

Já não era

Exame na Faculdade de Direito, ao fechar do último ano lectivo.

Um estudante algarvio passa



O soldado inglês ganha a corrida de obstáculos

as «passas do Algarve» com o mestre que aperta cada vez mais o interrogatório. A língua encaramela-se-lhe na bôca, e as palavras saem a custo nas respostas imprecisas de quem sofre os horrores de um exame catastrófico:

O professor, a certa altura, querendo pôr o rapaz à vontade, diz-lhe:

— O' senhor! esteja à vontade. Não vale a pena gaguejar.

— S... s... ai... sai... ba V... V... ossa Ex... ex... ce... lencia que... que... eu f... fui g... ga... ga... go, mas já... já m... me... curei.

Ao serviço da Pátria



Laurence Ollivier — o magistral interprete da figura de

Nelson no écran — é actualmente piloto da R. A. F. Sua mulher, Vivien Leigh, que encarnou, na mesma película, a linda Lady Hamilton, alistou-se nos Serviços Auxiliares do Exército.

Como muitos outros artistas, o famoso casal cumpre entu-

siasticamente os seus deveres civicos.

Vivien Leigh foi agora licenciada, porque espera o seu primeiro bebé, dentro em breve.

Em carta a Douglas Fairbanks, Laurence Ollivier, elogiando o espírito de dedicação de sua mulher, dizia que ela tem sido incansável na assistência prestada às viúvas dos oficiais mortos em combate.

A guerra é um verdadeiro crisol que serve até para transformar em heroínas, as figurinhas de vitral como a de Virien Leigh.

Na estratoesféra

Morreu, em Paris o famoso professor Piccard.

O velho aeronauta era, o mundo de hoje, uma raridade de museu. O seu espírito fôra sempre atraído pela estratoesféra e com os seus balões bateu numerosos records de altitude. Agora, porém, a estratoesféra já não é um lugar de observações pacíficas, quasi desportivas: é um lugar de combate donde as «fortalezas voadoras»

descarregam milhares de potentes bombas sobre os objectivos inimigos.

Há homens que se desprendem da terra, como folhas que no outono tombam das árvores. Foi o que sucedeu a Piccard.

A opinião da esposa



Herbert Henry Asquith foi um dos maiores parlamentares e políticos ingleses

o princípio deste século. Era um espírito minucioso, que tinha um poder de trabalho imenso e uma memória admirável.

Homem sensível, de carácter diamantino, o numero dos seus intimos era limitado.

Dêle se conta esta anedota característica.

Um americano, numa reunião elegante, em Londres, disse-lhe:

— «Ouvi falar de V. Ex.^a ao Presidente da República francesa, e a vossa esposa».

— E o que disse minha esposa? — interrogou Asquith.



GENERAL MAC ARTHUR

O defensor das Filipinas é uma figura prestigiosa do exército norte-americano. A sua carreira constituiu uma série ininterrupta de triunfos profissionais que o consagraram, nos Estados Unidos, como um dos primeiros técnicos militares. Combatente da Grande Guerra, esteve na França, onde se distinguiu pela sua bravura pessoal e onde se familiarizou com a arte da guerra. Ao regressar à pátria, em 1919, abandonou a carreira das armas.

O General Mac Arthur alcançou rapidamente os mais altos postos no exército do seu país. Apesar de ser bastante novo, foi escolhido para desempenhar as funções de chefe de Estado Maior que, no exército norte-americano, correspondem às de comandante em chefe. Os estudos e as reformas a que procedeu celebrizaram o seu nome já respeitado. Com uma visão superior dos acontecimentos que se preparavam e com um conhecimento fundamentado dos preparativos feitos em alguns países europeus, preconizou uma série de reformas cuja verdadeira importância só mais tarde veio a ser apreciada no seu verdadeiro valor.

Perito de «tanks», arranhou a constituição rápida de divisões blindadas para as forças norte-americanas. A esse respeito escreveu, antes de deixar o cargo de chefe de Estado Maior, um relatório que a imprensa norte-americana divulgou e que era um brado a favor da adopção de medidas energéticas que reformassem os hábitos e as tradições do exército dos Estados Unidos.

Seguiu depois para as Filipinas onde desempenhou as funções de conselheiro técnico de presidente Manuel Quezon. A sua tarefa principal consistiu em adaptar a milícia local às necessidades e às exigências da guerra moderna e instruir, para a defesa do arquipélago, o corpo expedicionário norte-americano composto de cerca de doze mil homens de diversas armas.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A política e a estratégia

A última quinzena foi fértil em acontecimentos sensacionais. A política e a estratégia, que é, como quem diz, a condução da guerra, no presente, a preparação da paz, para o futuro, fizeram aflorar à superfície do noticiário e do comentário internacional novidades de vulto. Coincidindo com a ofensiva inglesa na Líbia, com a resistência russa, no leste europeu, e com o prosseguimento da batalha na Ásia e no Pacífico, desenrolaram-se, nos gabinetes e nas chancelarias, episódios que se destinam a ter, nos dias próximos e nos tempos distantes, repercussões excepcionais.

A iniciativa diplomática pertenceu, desta vez, aos adversários do «eixo» e do Japão. Inglese e americanos, russos e chineses desenvolveram, a par dos representantes de outros povos da Europa, da Ásia, da África e da América, uma actividade ordenada, procurando pôr de acôrdo com os seus planos militares, os seus objectivos e as suas aspirações. O facto, como não podia deixar de ser, produziu uma impressão justificada.

O comandante das forças britânicas da Índia, general Sir Archibald Wavell, avistou-se demoradamente, em Chung-King, com o chefe da nação chinesa, marechal Chang-Kai-Chek. Às suas entrevistas assistiram peritos militares e funcionários da carreira diplomática dos dois países. O ministro dos estrangeiros da Gran-Bretanha, Anthony Eden, visitou a capital da U. R. S. S. onde permaneceu durante cerca de três semanas. Em Moscovo, e sr. Eden conferenciou com Estaline e com Molotov, visitando, antes de regressar à sua pátria, a frente de batalha no sector de Klin. O primeiro ministro britânico viajou nos Estados Unidos e no Canadá, sendo recebido oficialmente pelo presidente Roosevelt e pelo sr. Mackenzie King, chefe do governo canadiano. O sr. Churchill foi acompanhado por uma comitiva numerosa de técnicos entre os quais se contavam, além do secretário geral do Foreign Office, Sir Alexander Cadogan, os chefes responsáveis dos serviços do exército, da armada e da aviação.

As conversações realizadas em Chung-King, Moscovo, Washington e Ottawa foram simultâneas, no tempo, paralelas, na intenção. Das condições em que decorreram ressaltam dois princípios fundamentais: os dirigentes políticos (com excepção do caso do marechal Chang-Kai-Chek que é, ao mesmo tempo, chefe do Estado e generalíssimo dos exércitos chineses em operações) mantêm uma posição proeminente, orientando superiormente a condução estratégica da luta e realizando as tarefas preliminares para a preparação da paz; os países envolvidos na guerra contra os signatários do pacto tripartido asseguraram, para a realização daqueles objectivos, uma unidade de vistas que nas capitais interessadas se considera perfeita.

Como se traduziram, em factos, estes princípios de ordem geral? A ideia do comando único não foi, como na última conflagração, encarada, visto que a direcção política, assegurada pelos chefes de governo responsáveis, se sobrepõe a todas as outras considerações. Mas, em cada sector da guerra (Europa, Ásia, África, Atlântico, Pacífico) assegurou-se o princípio da unidade de comando que se tornou efectiva imediatamente para as forças concentradas na Ásia (China e sudeste asiático) e nos mares orientais (Mares da China e Oceano Pacífico). Assim é que há, presentemente, tropas chinesas comandadas pelo general inglês Wavell e navios britânicos sob os ordens do almirante americano Thomas Hart.

No plano político foi assinado e revelado no primeiro dia do ano o pacto de Washington inscrito por vinte e seis nações que se comprometeram a pôr em comum todos os seus recursos contra os países signatários do pacto tripartido e a não realizar qualquer armistício ou paz separada.

O OBSERVADOR

A Mensagem

Na mensagem que Hitler, no Ano Novo, dirigiu ao povo alemão há este curioso trecho: «Aquele que tenta, nesta guerra, aniquilar os povos, tombará».

Sem dúvida! Assim pensam, entre outras nações, a Checoslováquia, Austrália, Polónia, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Jugoslávia, Grécia, Dinamarca, Noruega, França, etc..

A opinião de Roosevelt

Nessa mensagem, Hitler roga a Deus a «salvação». Mas, segundo diz o grande Presidente dos Estados Unidos: «o mundo é demasiadamente pequeno para que nele possam viver ao mesmo tempo Hitler e Deus. A prova disto é que os nazis anunciaram agora o seu plano de reforçar a sua nova religião pagã em todo o mundo, plano pelo qual a Bíblia Sagrada e a Cruz da Misericórdia seriam substituídos pelo «Mein Kampf», pela cruz suástica e pela espada nua». Estará Deus a mais?

Previsões

Em 30 de Outubro, Hitler declarou: «Há quarenta horas que está em curso uma nova e gigantesca operação que esmagará o inimigo no Oriente. Posso afirmar hoje que a Rússia foi despedaçada e nunca mais se levantará».

Em 15 de Janeiro, porém, as operações prosseguem com resultados completamente diferentes.

O programa da vitória

Roosevelt, em nome dos Estados Unidos, anunciou num discurso sensacional — nobre consciência que fala para esclarecer o mundo e desejo inabalável de vencer o inimigo — os números fundamentais do programa da Vitória. Eil-os: 1942: sessenta mil aviões, quarenta e cinco mil tanks, vinte mil canhões anti-aéreos e oito milhões de toneladas de navios mercantes. 1943: cento e vinte e cinco mil aviões; setenta e cinco mil tanks; trinta e cinco mil canhões anti-aéreos e dez milhões de toneladas de navios mercantes.

Devem-se ter dissipado todas as ilusões dos signatários do pacto tripartido. O programa é esmagador. Respondem por ele mais de 26 mil fábricas e cento e trinta milhões de americanos.

26 nações

A Gran-Bretanha, que há um ano combatia sozinha, numa epopeia heroica, que assombrou o mundo, tem hoje a seu lado as duas Américas, a África, e a Ásia continental. Na Europa, as nações subjugadas não morreram. Pelo contrário, nunca nelas foi tão viva a chama sagrada da independência e da liberdade. Abram bem os olhos os que ainda não acreditam! A decisão da guerra só pode ser uma, a que Churchill, o homem de ferro, proclamou ao assumir a chefia do governo inglês.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA

Editor: ROCHA RAMOS

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Propriedade de Mundo Gráfico, L.ª



OS EXÉRCITOS DA CHINA, INUMERÁVEIS COMO AS AREIAS DO DESERTO, ESTÃO AGORA AO LADO DOS ALIADOS

A GUERRA NO PACÍFICO

Ao fim dum mês de guerra no Pacífico, a situação pode resumir-se, assim: os japoneses ocuparam o território do Thai, penetraram na península de Malaca e conquistaram Hong-Kong cuja guarnição reduzida realizou uma defesa à altura das circunstâncias; desembarcaram

na parte norte da ilha de Borneu (protectorado de Sarawak) e em duas ilhas do arquipélago filipino, Luzon, ao norte, e Mindanau, ao sul. Desencadearam uma ofensiva de grande estilo contra a China de Chan-Kai-Shek.

A sua acção, desenvolvida com o

aspecto inicial que caracterizou a ofensiva alemã na Europa, está a ser contrariada com as seguintes medidas tomadas separadamente ou em comum pela direcção militar anglo-americana: a ocupação do Thai é enfrentada pela constituição dum exército na Birmânia, o qual já começou



Os valorosos soldados ingleses que têm infligido, na Malaca, tão duros reverses aos japoneses, tornam Singapura inexpugnável

à atuar; a perda da parte norte de Borneu, onde existem jazigos e instalações para refinação de petróleo foi compensada pela inutilização, por largo prazo, desses elementos valiosos para a condução da guerra por parte dos japoneses; em Hong-Kong e nas Filipinas a luta tem sido tenaz e parte do arquipélago filipino continua em poder dos norte-americanos; na China, o ataque frontal a Chang-Sha malogrou-se com pesadas perdas para os atacantes.

Entretanto, entre Londres, Washington e Chung-King concertava-se um plano subordinado ao princípio do comando único. As tropas que operam na China, qualquer que seja a sua nacionalidade, foram colocadas sob o comando supremo do glorioso Chang-Kai-Chek; as forças destinadas a operar na Birmânia, no Thai e na Indo-China serão comandadas superiormente pelo general inglês Wavell, tendo como adjunto o seu camarada norte-americano Brett; a esquadra dos aliados (na qual estão incorporados navios ingleses, holandeses e norte-americanos) obedece às ordens do almirante Hart que comandava a esquadra norte-americana do Pacífico.

O desenvolvimento futuro da estratégia no Extremo-Oriente está condicionado a duas circunstâncias fundamentais: a ofensiva da esquadra norte-americana do Pacífico e a utilização das dificuldades actuais das potências signatárias do pacto de Berlim, impossibilitadas de estabelecerem eficazmente uma cooperação em todos os domínios da acção militar.

O primeiro ponto aparece esclarecido no relatório apresentado pelo sub-secretário de Estado da Marinha norte-americana, Knox, depois da sua visita às Hawaii. O relatório constata apenas a perda total dum navio de linha "O Arizona", a inutilização por algum tempo de outro, o "O Alabama" e avarias de reparação possível ou relativamente rápida nos restantes. Do lado japonês há, nesse domínio, que registar a perda total dum

navio de linha, o "Haruna". O perigo da ofensiva a que nos referimos é encerrado, com justificada inquietação, em Tóquio. Os japoneses anunciaram oficialmente o bloqueio das Hawaii, procurando evitar que cheguem a estas ilhas os materiais necessários à reparação rápida dos navios norte-americanos.

Com a base poderosa de Singapura em seu poder, com a defesa do Birmânia e dos grandes Domínios do Pacífico (Austrália e Nova Zelândia) organizada com o prolongamento da luta com a China, os resultados conseguidos na primeira fase da ofensiva nipónica não afectaram os pontos vitais do sistema estratégico que os aliados montaram no Extremo Oriente. Os dirigentes políticos e militares de Tóquio falam de uma guerra demorada, oscilando os seus cálculos entre quatro e dez anos.



O exército chinês depois duma prolongada guerra contra o invasor, continua invencível. Um posto de comando de uma bateria anti-aérea em Chung-King

QUATRO

SÉCULOS DE DURADOURA AMIZADE ENTRE PORTUGAL E A MILENARIA CHINA

A China, país que progride num ritmo vertiginoso, desenvolvendo, hora a hora, uma prodigiosa actividade, que lhe permite ocupar, cada dia com mais segurança um lugar de paralelo com as nações que mais brilhantemente se têm desenvolvido nos últimos lustros, mantém, há 400 anos, com Portugal, as mais amistosas relações, que a nossa situação em Macau mais e mais tem vindo a estreitar constantemente.

Foram os portugueses os primeiros europeus a quem o China acolheu carinhosamente, dentro das suas fronteiras, engrandecendo, as-

sim, o muito alto prestígio que Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque souberam conquistar-nos no Oriente.

Para o *Mundo Gráfico* muito honroso seria colher do sr. Chinglum Frank W. Lee, ministro daquele país em Lisboa, algumas palavras com que pudessem ser ilustradas as páginas desta revista.

Assim, impunha-se uma visita ao palacete da Rua Andrade Corvo, onde aquele ilustre diplomata reside com sua esposa, que nos receberam com o mais elevado requinte de fidalga cortesia.

(Continua na pág. 27)



O ministro da China, em Portugal, sr. Chinglum Frank W. Lee, com sua esposa. O gabinete de trabalho do ilustre diplomata, recheado de preciosidades orientais é um evocador museu de arte do seu admirável país



DIPLOMATAS PORTUGUESES

O embaixador de Portugal na capital da Gran-Bretanha, sr. dr. Armindo Monteiro

a conquista de **BENGHASI**



No horizonte, o fumo dos canhões. Os carros blindados romperam o arame farpado e a infantaria indiana, irresistivelmente, lança-se ao ataque



O canhão troa, levando ao inimigo o fogo e a morte. Sucessivamente, todas as cidades da Cirenaica caem nas mãos dos ingleses



Os tanks ingleses surgem inesperadamente à rearguarda do inimigo e, colhendo-o de surpresa, obriga-o a render-se, sem condições



Rastejando, a infantaria avança. Um posto inimigo é destruído à bomba. Do outro lado, corre a estrada de Derna. A sua queda é iminente



AS TROPAS SUL-AFRICANAS ENTRAM EM COMBATE



HORA H. VAI COMEÇAR A BATALHA

A ALEGRIA DA NEVE



de vitória, de longe em longe, nunca passando de beijos parcelares, nas mãos e na face da virgem branca, sempre noiva e quieta, sempre branca e virgem. Trêmula das entregas castas e espaçadas, logo se arrepende, mesmo assim. O sol ausenta-se, amuado, a sangrar lumes de amor-próprio; a neve recompõe-se em dureza branda, penitencia-se buscando matar a saúde e — então, sim! — esfria, em impassíveis blocos, para não chorar.

É quando ela mais rutila — a tóda-Poderosa! mesmo integra de pureza, a mulher guarda reliquias de orgulho — e, no gelo, rendilham-se cristais sólidos, para demonstração de que, sem o sol, pode haver brilho.

As gemas frígidas estilizam beleza. A Luz — está nelas, encantada.

Não é narcisismo este *enfetarse melhor* da Neve, nas horas em que o Sol, ferido e distante, nem mensagens curtinhas lhe envia do céu. — É antes fidalguia de vestal, pontunor de magestade.

Acontece que, mais cedo ou mais tarde, o Apaixonado tor-

Nas Penhas da Saúde, com sete graus negativos, uma gentil esquiadora, batida pelo sol, depois de uma admirável corrida na neve

HÁ quem pense a Neve sempre fria... Como há quem chame sempre negra, à Morte.

Falta verdade, por vezes, às fáceis asserções. O calcáreo em que se esculpe a *Grande Ceifeira* — é branco. E o gêlo — pode ser labareda!

Os pináculos sem mácula de escuridões latejam quentura bastante para desabrocharem em estranhas flores de neve. Casas de Deus — retiros de monges — alumiam-se de cirios e de preces, erguidas para o céu, na alvura que do céu veio purificar a terra.

A neve — é a alma com que o Criador quiz brindar o Chão, por este ser humilde e espelhado, mesmo nas grandes alturas.

É bênção — e uma bênção nunca é fria, mais do que na aparência, no engano prosaico dos termômetros físicos.

Mas os homens erram — e a bênção pode tornar-se punição. Eis quando a neve rola em *Avalanche* ou flutua em *Iceberg*.

Punitiva ou dadivosa, é, porém, sempre misteriosamente linda e casta quando não cede ao *Namorado-Sol*, no deliquio dos degelos.

O romance deste idílio tem muito de trágico a contar, porque raros diálogos são trocados entre Ela e Ele; e os impetos do astro só cantam hinos

A paisagem hiperbórea da Serra abre-se num panorama deslumbrante aos olhos extasiados das turistas





Num turbilhão de neve, um conhecido desportista do Porto, executa um salto verdadeiramente cinematográfico

na, mendigo de afeição e pródigo de blandícias, cónscio de que pouco lhe vale ser soberano em tudo o resto.

Eterno e branco, à semelhança d'Ela — este Romance da Neve!

• • •

Rivais do sol, no coração da Bela, eram os pastores. O velo de certos cordeiritos nados na montanha é retalho do manto branco — e nova demonstração de que a neve pode ser quente... O milagre maior da purinha Princesa consiste, mesmo, em descobrir, matematicamente, as ervas tenras que esconde, — ao ouvirem-se na serra, balidos ne apetite.

Prodígio enorme, sim, — porque a Neve, então, é mãe... e prossegue menina!

Aos pastores e ao sol — seus rudes amorosos, intuitivos e simples, — mas plenos de respeito — somaram-se, um dia, grupos citadinos, civilizados, bizarros de vestimenta e calçado, portadores de grandes régua reviradas e bordões estranhos, complicadíssimos em relação aos dós zagais... Riam, forte! Cantavam de riço! Pasmada, timorata, a Neve assistiu ao afivelar das grandes tiras de madeira nas botas pesadas dos alegres rapazes e das sádas raparigas... E um

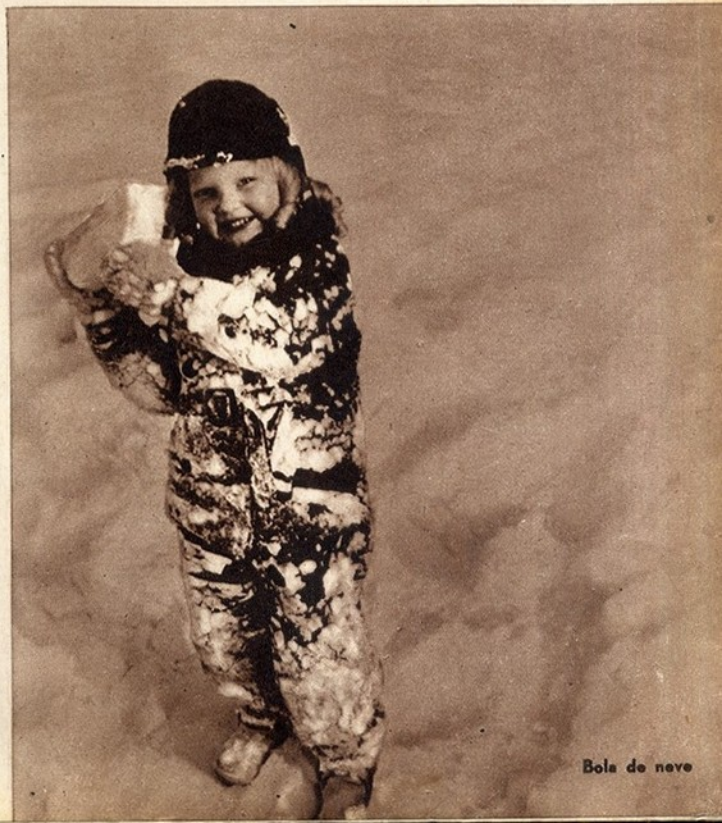
grande arrepto a percorreu toda quando os primeiros «skis» sobre ela deslizaram, quando os primeiros «alpenstocks» cocegaram a epiderme branca. Na sua mudez, também Ela, em breve, ria e cantava. Aquilo era quasi mais intenso que os beijos do sol! Gratíssima, curou inapetências de tédios; carminou os rostos daqueles iniciadores com as mesmas tintas cedidas aos pegueiros bravos; assistiu, curiosa e sorridente, à montagem trabalhosa de «teleféricos», complexos e sumários, a um tempo; deixou escavar em si, de boamente, os abrigos chamados «igloos».

Bem quiz o Sol, ciumento, lançar sobre elas fúrias redobradas de dardejos, diminuir-lhe a espessura, contrariar o novo e insólito carinho — que não supunha seu também.

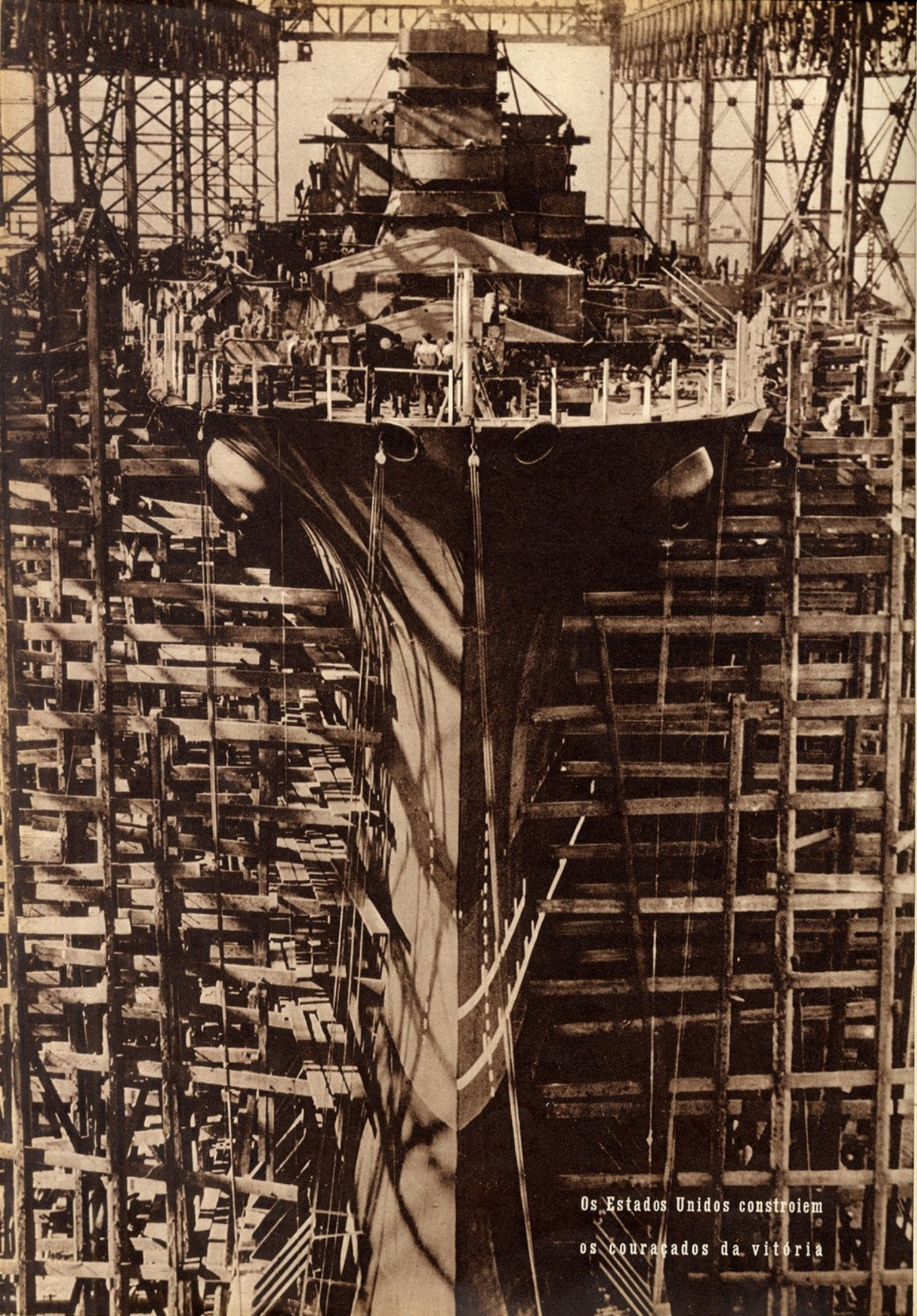
Os pastores, sem a si próprios se compreenderem, comungavam com o disco-de-oiro, no sentirem-se lesados.

... Mas tudo se esclareceu, findando em bem. Hoje, a neve da nossa «Estrêla», por exemplo, conciliou de vez a corte dos seus adoradores e para todos alveja e cintila: Desportistas... Pastores... e o Sol!

Rodrigo de Mello



Bola de neve



Os Estados Unidos constroem
os couraçados da vitória



Campanha de Leste

Equipamentos russos

A SEGUNDA FASE DA GUERRA

A campanha da Rússia, designação genérica que serve para caracterizar a sucessão de operações militares iniciada com a entrada das tropas alemãs em território soviético, vai entrar no sétimo mês. Pode dizer-se, de uma forma geral, que o primeiro semestre dessa campanha foi preenchido por uma ofensiva em grande escala durante a qual a Wehrmacht operou atacando o seu adversário desde as paragens geladas do Oceano Glacial Ártico às praias aquecidas da Crimeia. Antes que esse primeiro semestre se fechasse os alemães atacavam em Murmansk, cercavam quasi por completo Leninegrado, encontravam-se a cinquenta quilómetros de Moscovo e batiam-se às portas de Sebastopol.

Em 7 de Dezembro um comunicado do quartel general do Fuehrer anunciava que os exércitos alemães passavam, ao longo de toda a extensa frente oriental, da ofensiva à defensiva e que manteriam esta até que a primavera permitisse um recrudescimento da actividade militar. Pouco depois (19 de Dezembro) era divulgado, com carácter oficial, a notícia de que o marechal Brauchitch abandonava o comando das forças terrestres que o chanceler do Reich assumia pessoalmente.

Depois dessa data, essencial para a compreensão dos acontecimentos que se estão desenrolando, decorreram algumas

semanas. E' o seguinte o balanço da contra ofensiva russa desencadeada em 7 de Dezembro, estabelecido por períodos de sete dias:

1.^a semana — 7 a 13 de Dezembro — (XXV da campanha). Os finlandeses anunciaram a conquista de Povonets. No sector de Leninegrado os russos atacaram ao longo do rio Svir. Depois duma batalha de dez dias ocuparam o entroncamento ferroviário de Tikhvin, chave do cerco alemão à segunda cidade da U. R. S. S. Os alemães abandonaram a cidade de Volkhovstroi. No sector de Moscovo, enquanto do lado alemão se anunciou a substituição do general von Bock pelo seu camarada von List, os russos anunciaram a ocupação pelas suas tropas das cidades do Pojachev, Solnechnaya, Gora, Stalinogorsk, Venev, Mikhaïlov, Epifan. Ao sul deste sector os contra ataques russos conduziram à ocupação do entroncamento ferroviário de Eletz e das cidades de Livny e Efremov.

2.^a semana — 17 a 20 de dezembro — (XXVI da campanha). — Os russos continuaram a contra atacar. No sector de Leninegrado voltaram a servir-se da linha férrea Tikhvin-Volkhovstroi, restabelecendo-se as comunicações regulares entre Leninegrado e Moscovo. No sector de Moscovo ocuparam as cidades de Kalinine, Vysoköle, Klin, Volokolamsk, Novi Pe-

trovsk, Tarussa; Aleksin, Kanino, Dubna, Yasnya Polyana, Stachekino, Dedilovo, Uzlovaya, Plavok, Bogoroditsk e Volovo. No sector de Orel foi ocupada a cidade de Verkhove. No sector sul os alemães evacuaram Taganrogl continuando nos arredores da cidade e desencadearam, com a colaboração de tropas romenas, um ataque em forma à posição fortificada de Sebastopol.

3.^a semana — 21 a 27 de dezembro (XXVII da campanha) — o Fuehrer assumiu pessoalmente a direcção das operações na frente oriental dirigindo uma proclamação aos combatentes. Os contra ataques russos intensificaram-se. No sector de Leninegrado conduziram à ocupação de Budogosh e Grusino. Partindo de Tikhvin e de Volkhovstroi, os russos alcançaram e atravessaram, em vários pontos, o rio Volkhov continuando a sua progressão para oeste. Na frente de Moscovo procederam à ocupação de Narv Fominsk, Lithvin, Odoyev, Krapiona e Gorbachevo. Entre Orel e Kursk foram ocupadas as localidades de Novosil e Tim. O ataque alemão a Sebastopol não se concluiu pela ocupação desta praça forte.

4.^a semana — 28 de dezembro a 3 de Janeiro — (XXVIII da campanha). — Os russos começaram a contra atacar no sector norte (Murmansk) a fim de aliviar a pres-

(Conclue na pág. 27)



Um raid brilhantíssimo. As forças inglesas desembarcam novamente na Noruega, ocupada pelos alemães. A R. A. F. assegura o êxito da expedição descendo a cinquenta metros e, com uma precisão notável, bombardeia o aeródromo de Herdla, destruindo todos os seus hangares



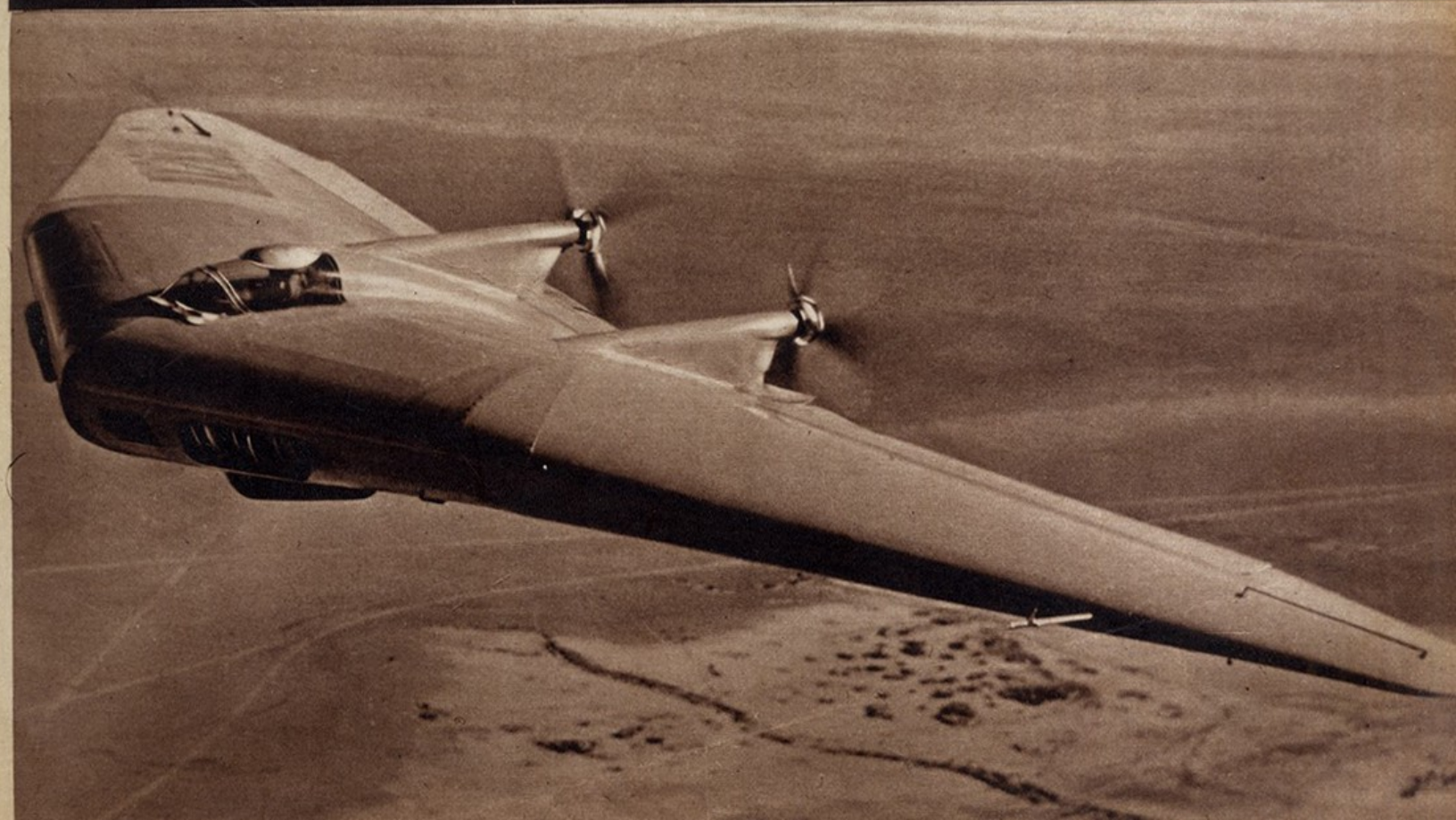
As tropas de choque inglesas, no seu raid à Noruega, atacam Maaloy, num audacioso golpe de surpresa, reduzindo ao silêncio o inimigo, com uma notável decisão. As zonas industriais ardem e numerosos navios são afundados

A Inglaterra e a América batem-se pela liberdade do mundo

O melhor tank do mundo é construído na América. Eis o "monstro", de 60 toneladas, com três bocas de fogo, que esmigalhou, como se fosse um ovo, um enorme camion

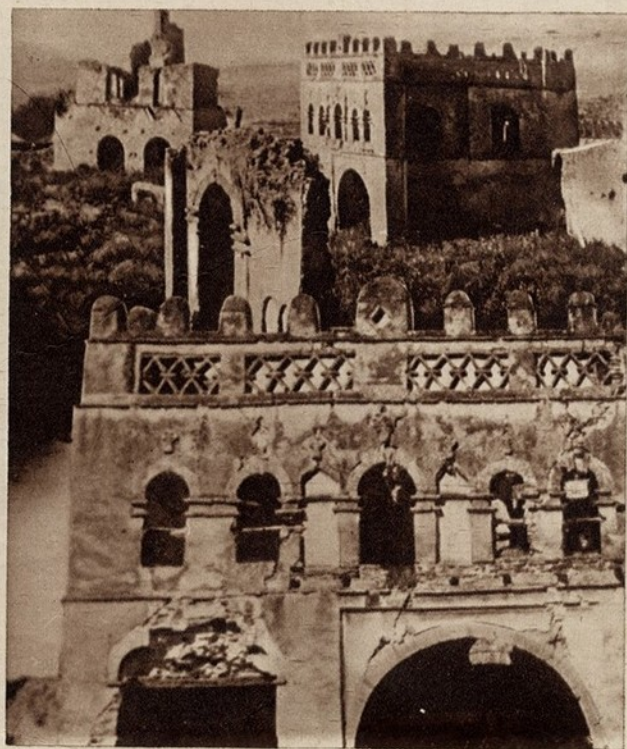


A técnica de construção aeronáutica norte-americana realizou mais um prodígio: a célebre asa voadora, de uma fantástica velocidade e raio de ação



CASTELOS DE GONDAR

Os famosos castelos de Gondar, na Abissínia, construídos pelos portugueses, no século XVI, onde agora voltou a flutuar a bandeira do Negus



A GUERRA NO DESERTO



A R. A. F. prossegue na Tripolitânia as suas façanhas. Um bombardeiro ataca uma coluna motorizada. O fumo negro assinala a sua destruição



O avanço irresistível dos ingleses. Um "cruzador" britânico destrói um tank pesado inimigo



O sorriso vitorioso dos bravos soldados do general Auchinleck que combatem agora o resto das forças do "eixo" no golfo de Sirte



A longa fila dos prisioneiros alemães pertencentes ao exército do general Rommel. São milhares e milhares de homens que vão ser conduzidos para o Cairo e daí para a Índia onde se encontram cerca de 400 mil italianos capturados na primeira batalha da Líbia

FIGURAS E FACTOS



O venerando Chefe do Estado preside a uma festa no Orfanato-Escola de S. Pedro, em Alcdntara



Os adidos aeronáutico e naval britânicos e os oficiais portugueses que acompanham o funeral do soldado Swann, que fazia parte da guarnição de Gibraltar e se encontrava a bordo duma corveta inglesa que foi atacada no Atlântico



Os restos mortais do soldado Swann são conduzidos numa urna coberta pela bandeira da Gran-Bretanha



O director do S. P. N. sr. António Ferro, fala ao microfone da Emissora Nacional, no regresso da sua viagem ao Brasil

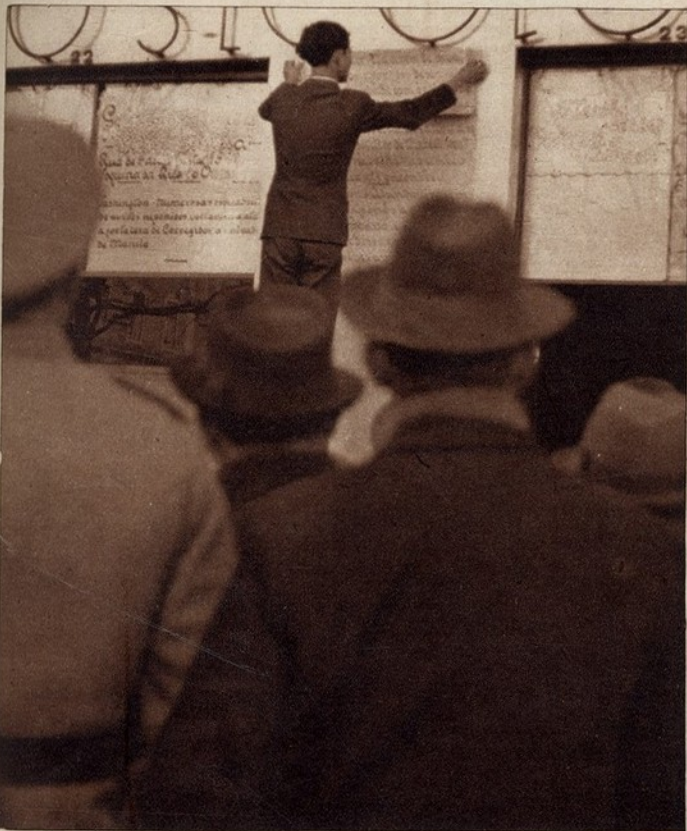


A primeira sessão dos novos vereadores da C. M. de Lisboa



A esposa do sr. Presidente da República numa festa de caridade

ÚLTIMA HORA



Ansiosamente, o público espera a colocação do placard. O que será?



A multidão lê avidamente as últimas notícias

A cidade tem fome de notícias. Picada de insaciável curiosidade, já lhes não chegam os jornais, nas suas edições matutinas e vespertinas. Exige mais, sempre mais, numa sofreguidão de sensacionalismo que lhe absorve todos os momentos. De dia e de noite, ansiosa, febril, esfaimada de novidades, vemo-la diante dos *placards*, permanentemente curiosa de saber o que vai por este agitado planeta.

Como todas as grandes urbes, Lisboa tem o fanatismo dos *placards*, êsses *écrans* onde o mundo exhibe, pela palavra, os seus gritantes acontecimentos. A caminho ou na volta do emprêgo, não pode passar sem demorar-se dois, três minutos por dia a ler as "últimas.". O incêndio da guerra, atormentando-lhe os nervos, exacerbou-lhe também ao máximo essa insatisfação. Que anuncia Londres? Que diz o Cairo? Que decretou Washington? O *placard* é a janela onde o globo se debruça sempre que se praticou, sempre que se consumou o que poucos ou nenhuns esperavam que se consumasse. Diante das chapas de alumínio, onde as letras são instantâneos redigidos de planos ou de vitórias universais, vibra-se, por isso, intensamente, marcando com um sorriso franco ou com o sobrececho carregado metade de essa alegria que a notícia causou.

Ao fim da tarde, quando fecham os escritórios e os estabelecimentos, aumenta ao máximo o número dos leitores dos *placards*. No Rossio, feira franca de palradores e alvissareiros, salão de visitas da capital, em frente aos *placards* do "Notícias.", e do "Século.", a curiosidade toma visíveis expressões de angústia. No curto espaço de horas, senão de minutos, a face girou, grandes homens foram vencidos, a geografia foi alterada, deram-se cataclismos e registaram-se fenómenos que, um segundo antes, ninguém admitia. Churchill fala... Roosevelt anuncia... Eden chegou... Os olhos com fome apressada devoram as palavras manuscritas, estacam aqui, voltam atrás, seguem de novo e, quando chegam ao fim, ficam ainda parados à espera de mais. Todos se lhe rendem, submissos: os frívolos, os escravos das horas, os apressados, todos, todos aqueles para quem o tempo é motivo fútil ou motivo importante. Em grupos, que aumentam ou diminuem segundo o valor do noticiário, os que chegam depois levantando-se em bicos de pés, homens e mulheres, velhos e novos, pobres e ricos lado a lado, olhos altos, caras lívidas, surpresas, lêem os *placards* e, ao cabo, animados de alegria ou vencidos de amargura, contentes ou tristes, vão ao seu destino. Há, porém, fanáticos de *placards* que nunca abandonam. Passam os dias e as noites diante dessas montras de surpresas noticiosas, à espera do último grito, da última derrota e do mais recente êxito. É uma fascinação permanente que leva muitos a tardarem os passos só para estar no lugar encantado, magnetizado, onde, dum momento para o outro, em letras garrafais, que vieram pelo ar, ou foram trazidas pelos cabos submarinos, a notícia palpitante surge, como que em chamas, irradiantes de surpresa, de imprevisto ou de admiração.

As perguntas que a si próprios se fazem só encontram satisfação nos *placards*. Os ingleses continuam a avançar em África? No Leste, os alemães recuam? Os americanos resistem? Um cruzador afundado? Lá estão escritas as últimas novas. E, com rostos congestionados, essa nova raça de leitores, feliz e emocionada, louva a rádio que torna possíveis os *placards*, retratos *à la minute* do que acontece nas mais apartadas paragens do globo.

UMA EXPEDIÇÃO PERIGOSA



Churchill entrega a sua esposa um donativo para o fundo de guerra dos Aliados



A multidão aclama o grande defensor da liberdade dos povos

Em consequência da reorganização a que tinham dado origem as nossas perdas de 16 de Setembro, fui incorporado no regimento do 31.º de infantaria, do Pendjab, o qual tinha apenas quatro oficiais brancos, incluindo o coronel. Em tempo de paz e de guerra servi com regularidade, no 4.º de hussares, no 31.º de infantaria, do Pendjab, no 21.º de lanceiros, na cavalaria ligeira sul-africana, no 2.º de granadeiros, nos fusileiros reais e na artilharia de Oxfordshire. As condições de serviço nestes diversos regimentos da Europa, da A'sia e da A'frica eram muito diferentes. Mas nunca essas condições foram tão extraordinárias como no 31.º de infantaria do Pendjab. Eu era oficial de cavalaria. Mas em Sandhurst tinham-me adestrado para a infantaria. Considerava-me, por isso, apto para as operações secundárias e mesmo para as de maior importância. Encontrei no Pendjab uma grande dificuldade: fazer-me compreender. Mal sabia falar com os soldados indígenas que, dada a falta de oficiais brancos, me tinham sido confiados. Tinha de me contentar com gestos e sinais, verdadeira linguagem de surdos mudos. Aprendi três palavras: «maro», matar; «chalo», à frente; «tally-ho», que é inútil traduzir. Nestas condições não era possível criar entre o comandante da companhia e os seus homens aqueles laços de afeição que os nossos livros de tática aconselham.

Embora não soubesse o que eles pensavam nem o que eles sentiam, eu tinha uma certa simpatia pelos indígenas do Pendjab. Eles gostavam de se bater ao lado dum oficial branco e vigiavam atentamente os seus gestos para verificarem se as coisas caminhavam bem. Se o viam sorrir, sorriam também. Por isso tomei a resolução de sorrir constantemente. Entretanto, enviava, em cartas e telegramas, ao «Pioneer» e ao «Daily Telegraph» as minhas crônicas de campanha.

Tinha agora esperanças de ficar incorporado, definitivamente, no corpo expedicionário de Malakand e de poder, assim, percorrer demoradamente aqueles vales. Mas o carácter das operações mudou súbitamente. As notícias do episódio de 16 de Setembro espalharam-se entre as tribus e os mamunds gabavam-se de ter alcançado uma grande vitória. Exageraram o número das nossas perdas e declararam que as operações estavam a correr como eles tinham previsto. Nós dizíamos coisas idênticas nos nossos jornais que eles não liam. Em todo o caso, a região da fronteira estava em efervescência. No fim de Setembro os afridis, que eram uma das tribus mais poderosas, juntaram-se aos revoltosos.

Os afridis viviam no Tirah, uma região montanhosa, ao norte de Peshwar e a leste do passo de Khyber. As montanhas do Tirah são mais altas e abruptas que as do Malakand, e os seus vales formam uma espécie de V. Isto concorria para criar uma situação vantajosa aos rebeldes e para aumentar as dificuldades da tropa regular. No centro do Tirah há uma planície semelhante ao vale do Mamund, mas mais larga do que este que só é possível alcançar pelas gargantas que sulcam os flancos da montanha. Este vale chama-se Tirah Maidan e pode comparar-se ao centro dum labirinto, como o de Hampton Court.

Esclarecido pela experiência, o govêrno da Índia resolveu enviar uma expedição ao Tirah Maidan. Era ali que se encontravam as reservas de cereais, os rebanhos e as principais povoações dos afridis. Os habitantes, com as mulheres e os filhos, podiam ser atirados para o cimo das montanhas onde, no Inverno, lhes não seria fácil manter-se. Para infligir este castigo eram necessárias duas divisões, cada uma com três brigadas, ou sejam trinta e cinco mil homens, além de forças importantes que seria necessário manter nas bases e nas vias de reabastecimento.

Este exército foi mobilizado e concentrado em Peshwar e Kohat, a fim de invadir o Tirah. As tropas brancas nunca tinham penetrado até ao Maidan. Esta operação era, por isso, considerada a mais séria que se tinha preparado na região da fronteira, desde a guerra do Afeganistão. O comando foi confiado a um oficial de grande experiência e distinção, Sir William Lockhart. Por seu lado, Sir Bindon Blood devia continuar a fazer frente às tribus que se estendiam pela encosta de Malakand. Assim deixámos de tomar parte nas batalhas ao mesmo tempo que os oficiais de reserva brancos do Pendjab vinham ocupar as vagas que se tinham dado.

Dirigi as minhas atenções para o corpo expedicionário de Tirah e fiz o possível para ser incorporado nele. Infelizmente não conhecia ninguém que pudesse contribuir para isso. O coronel Ian Hamilton comandava uma das brigadas, mas caíra do cavalo ao atravessar o passo de Kibat, partira uma perna, deixara o comando da brigada e arranjara, com todas estas infelicidades, uma doença do coração. Como me encontrava numa situação duvidosa, destacado um regimento sem ter sido incorporado noutra, o coronel da unidade a que eu pertencia, que se encontrava nos confins da Índia meridional, começou a trabalhar para apressar o meu regresso.

A UM CANTO DO CLUB

HÁ uma convenção social que estabelece e determina a aplicação de severas sanções para a indiscrição... Porém, como semelhante preconceito não é extensivo à nossa actividade profissional e a nossa curiosidade teime sempre, quaisquer que sejam as dificuldades, decidimo-nos a ir até ao "Royal Club Britânico", sem que, para tal, tivéssemos necessidade de recorrer, como é hábito, aos serviços dos arautos ou de nos afoitarmos numa viagem através do Atlântico.

Chegamos — confessamo-lo sem reboço — um pouquinho mais tarde ao "five o'clock tea". E, após os preliminares cumprimentos de estilo, iniciamos, na companhia amável de "mister", Goucn Gibbon a nossa viagem pelos "domínios ingleses", procurando obter a explicação de certas lendas cujos caracteres despertaram o nosso interesse.

— Aqui respira-se conforto — observamos nós, enquanto inquiríamos da origem dos numerosos e valiosos trofeus expostos no *hall*.

O nosso cicerone esboça um sorriso e explica-nos com certo orgulho:

— Cada trofeu — dêsse que os senhores aí vêm — representa uma partida... ganha ao *criket* e ao *golf*...

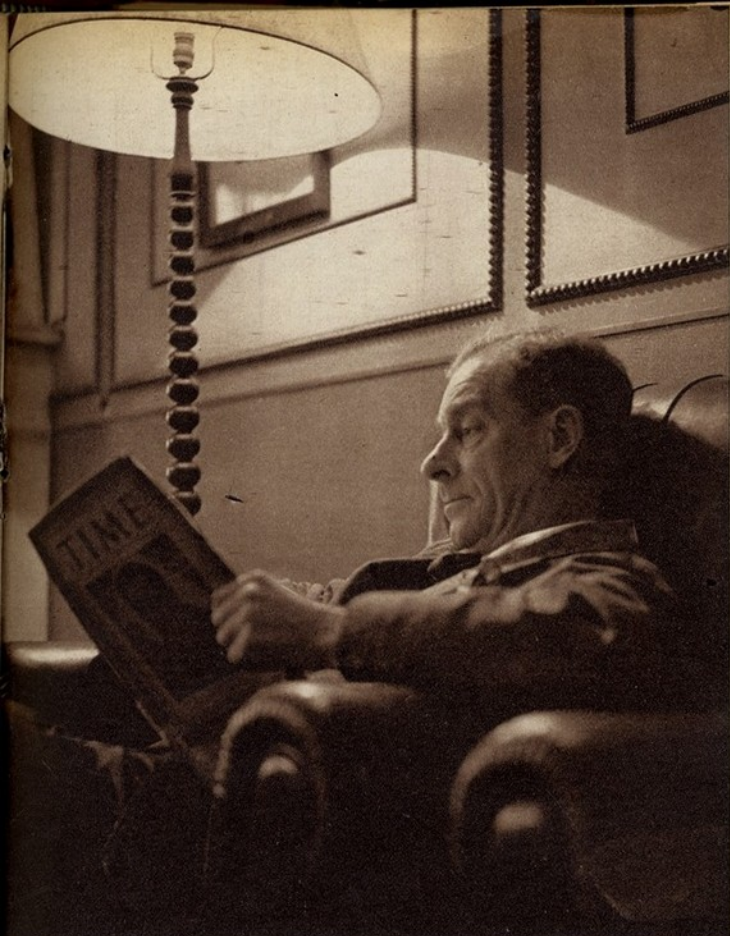
Depois de percorrermos várias dependências entramos na biblioteca, onde se destacam, as obras, imortais de Shakespeare, Byron, Walter Scott. Silenciosamente atravessámos o bar e o salão do chá, onde os ingleses, sorridentes, conversam sobre as últimas notícias da guerra.

Na nossa frente, em lugar de privilégio, destaca-se uma moldura artisticamente trabalhada que reproduz às nobres figuras de Jorge V e da Rainha Alexandra. A convite do secretário do "Club", abrimos o "Livro de Honra", maravilhosamente forrado a "marron", e exclusivamente reservado à assinatura dos visitantes ilustres, que têm passado por aquela casa.

Na primeira página quatro nomes e duas datas despertam a nossa atenção e pronunciam-se eloquentemente por nós: Eduardo VII e D. Carlos I — 1903; General Carmona e Marquês de Soveral — 1907.

Quatro nomes que simbolizam a milenária e tradicional aliança Anglo-Lusa e significam no presente amizade e constância.

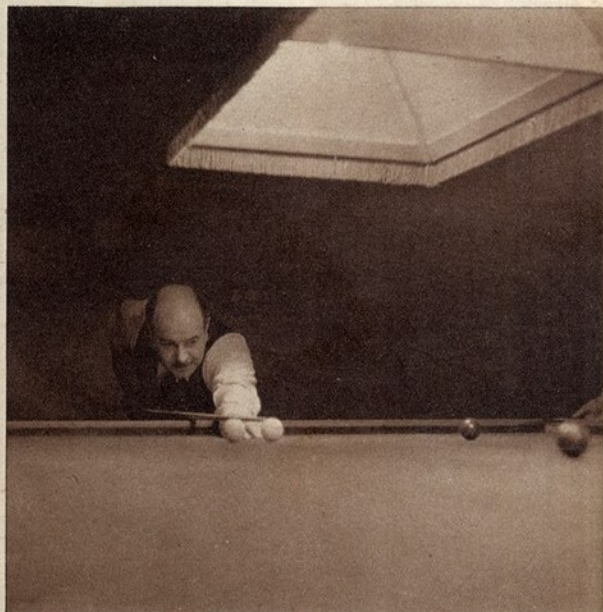
A. Santos



No ambiente calmo do club, um súbdito de S. M. britânica lê o «Time».



Chegaram as últimas publicações da capital inglesa



Uma carambola difícil

SOMBRAS DA CIDADE

Sinfonia de uma cidade. Sombras jogando com a luz, num xadrez de fantasia geométrica, que a cada instante desloca as suas pedras, no tabuleiro citadino. As figuras são variadas e caprichosas. Cruzam-se, avançam, recuam, num jogo bizarro que dura o dia inteiro, com soluções que variam infinitivamente na sua combinação de acaso.

Lisboa, que tem o mais lindo sol do Mundo, um sol que conservamos no frigorífico deste Inverno em perfeito estado de graça luminosa, possui sombras maravilhosas de poesia citadina, que são no seu rosto de ouro, o franjado negro e aveludado de certas pupilas de olhos fascinantes.

Sombras donairosas que, ao cair da tarde, salpicam de vivacidade as ruas de Lisboa, e que contornam corpos com o seu lápis negro, ou, então, fugidamente, deslizam pela calçada entre os primeiros reflexos curiosos da luz eléctrica através das montras em parada de elegância.

Outras sombras, a sombra do homem, menos flexível, dura, apressada, esquemática, gráfico comercial ou sinte-se dum movimento instantâneo que mal se repara nas sobreposições que a rua oferece e confunde num grande rumor de multidões.



As últimas sombras da cidade desaparecem, lentamente, envoltas no mistério da noite

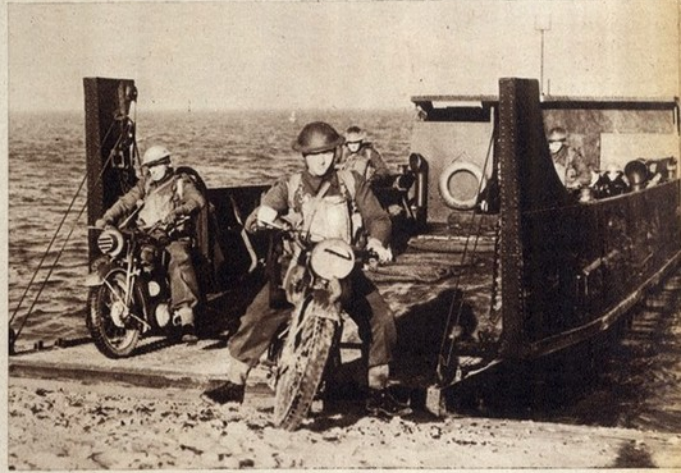
(Cliché Hordácio Novaes)

No Camões, as silhuetas da multidão parecem um jogo de sombras chinesas

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS



Os bravos fuzileiros navais ingleses em exercicios de desembarque. Alguns destes homens já realizaram alguns golpes audaciosos nas costas francesas



Numa vedeta de tipo especial, os fuzileiros navais, devidamente motorizados, desembarcam em território "inimigo"



Os prisioneiros feitos pelos ingleses na Libia já sobem a algumas dezenas de milhar. Estes foram capturados pelos valorosos defensores de Tobruk



Este aperto de mão é o sinal da vitória. A guarnição de Tobruk depois de um assedio heróico, liga-se com as forças do general Auchinleck, que conquistaram Benghazi



A R. A. F. do Próximo Oriente bate cotidianamente, na Tripolitânia, o inimigo. É freqüente encontrar no deserto estas carcassas fumegantes dos aviões italianos



O major general alemão von Ravenstein, capturado na Libia, é interrogado por um oficial inglês de Tobruk

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

O QUE A MODA NOS DIZ

Que está acima de todos os ditames, uma adorável fórmula: — a simplicidade. O que não exclue «bom gosto», «encanto», «elegância».

Uns vestidos cingem as ancas, modelam o busto e acentuam a finura da cinta; outros alargam extraordinariamente os quadris, exageram os lados do busto com franzidos e *drapés* e acusam a cintura fina. Entre estas duas linhas existem as variantes, que é onde as pessoas equilibradas se vão inspirar.

Os fatos-tipos persistem sempre: *tailleur* clássico, bolero sobre blusa de renda, casaco cintado para tarde e casaco largo, forrado de pele para de manhã e viagem. Quanto ao abafo de pele, é hoje o que triunfa, em *astrakam*, castor, *carakul des Indes*, *agneau*, *vison*, *marta*, *petit-gris*, *peutis*, *raposas*, etc.

Os vestidos que se colocam por baixo, quasi todos são subidos à frente e descidos atrás com golas de renda ou bordados a ouro e prata. Alguns cintos, mas com mais frequência: *corselets* subidos, pequenos coletes, cintos largos com algebeiras em lantejollas ou, então, no mesmo tecido, mas tendo numa o relógio e prendendo na outra a corrente, havendo no intervalo e pendurados graciosos berloques — os balangandans tanto em voga.

Quatro novidades, para terminar:

— A *bota de pele* ajustada à sola de cortiça ou de madeira.

— O *maillot* que desce até aos pés formando polaina e que se coloca sob a saia.

— A *saia-calça* presa acima do joelho com elástico e que se executa no mesmo tecido da saia que a cobre, em geral, plissada.

— O *turbante* — e *charpe* que substitue o vulgarizado capuz, envolvendo bem o pescoço.

OS OLHOS

São bonitos ou feios — de nascença não acha?

Sim, mas também há forma de os corrigir. Não é cor, evidentemente, mas o resto.

As *olheiras* não constituem defeito, antes pelo contrário: dão maior romantismo ao rosto, quando não existe aspecto doentio, é claro.

Agora as *pálpebras inchadas*, isso é que já é outra história: envelhecem consideravelmente. Há certos produtos vitaminados que combatem esse inchaço e também o seguinte: batata raspada colocada sobre as pálpebras durante 15 minutos.

As *pestanas* crescem e conservam-se, untando-as duas vezes por semana com óleo de ricino.

As *rugos «pé de galinha»* combatem-se com massa leve e com aplicação de raios ultra-violetas.

A *beleza do olhar* consiste na *doçura* e na *lealdade* — fugir de quem não olha a direito, e duma alma seca: nunca terá um olhar que atraia.

A BÔCA

Não poderá ser bonita se a *dentição* for defeituosa, ou de cor desagradável e se as *gengivas* forem sanguinolentas anunciando a piorreia. No último caso, escovar não só os dentes, mas também as gengivas com uma escova bem dura e da base para a extremidade, com pasta e elixir apropriados.

Para branquear os dentes, esfregá-los três vezes por semana com um algodão impregnado de água oxigenada e de quatro em quatro meses ir ao dentista tirar o tártaro.

Não mostre as gengivas mais que o normal, quando se rir. Katherine Hepburn tinha este defeito e o seu maquilhador, Melburns, disse-lhe:

— De manhã e à noite, vai fazer, durante dez minutos, umas certas caretas em frente do espelho, para distender os músculos em redor da bôca. Depois estudará o sorriso e verá como acabará por não mostrar demasiado as gengivas, quando se rir.

E assim foi.

A PELE

Fresca, e fina — é como deve ser. E consegue-o facilmente.

Para a tonificar, lave-a e bata-a com água fria todas as manhãs. À noite, com água quente.

CASA QUEY

Hosiery Spécialists

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
R. SERPA PINTO, 18

CAMPANHA DE LESTE

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 15)

são alemã sobre o entroncamento ferroviário de Soroka. No sector de Leninegrad continuaram a progredir a oeste de Volkhov ocupando Novy Kirishi. No sector de Moscovo os seus contra ataques levaram à ocupação de Staritsa, Ugodskyzavod, Kaluga, Cherepetz, pere-mishl e Kojelsk. Pelo número e características dos efectivos empenhada a batalha para a posse de Kaluga foi uma das mais importantes desta campanha. No sector sul, os russos realizaram desembarques em Teodosia e Kerch (Crimeia) iniciando a ocupação, completada em poucos dias, da península deste nome.

5.ª semana — 4 a 10 de Janeiro (XXIX da campanha). — Resumiremos os acontecimentos relativos aos primeiros quatro dias desta semana com os quais se completou um mês da segunda fase da campanha. No sector de Moscovo os russos ocuparam as cidades de Barovsk Malo-larolavets e Bielev. Acentuou-se a sua progressão no sector de Moscovo. Ao sul ocuparam a península de Kerch e renovaram os seus ataques nas proximidades de Kharkev encontrando-se a cinquenta quilómetros desta cidade.

Foi esta, em resumo, a marcha das operações durante o primeiro mês da segunda fase da campanha da Rússia.

Carlos Ferrão



Uma metralhadora pesada em acção

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete «QUANZA»

Sairá no dia 19 de Janeiro pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LOANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, : : : : : sujeita a baldeação : : : : :



Para esclarecimentos e mais informações:

SÉDE: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 (6 linhas)

LISBOA

SUCURSAL: R. Infante D. Henrique 73 r/c. — tel. 1 434

PORTO

CRÓNICA ALEGRE

O meu conhecido Sebastião

O Sebastião, mal lançou no espírito as luminárias do exame do primeiro grau, de que saiu aprovado graças às graças de uma tia toda tu cá tu lá com o mestre escola, botou mão da consciência e interrogou-a. Resposta foi ela que, horas depois, vendo o pai passar-lhe à ilharga, anunciou que partiria para a capital. O bom do velho, todo apegado ao amanho da terra, tentou dissuadi-lo do propósito, mas logo a mulher o convenceu com esta frase: «Deixa lá home! Quem sabe se o rapaz não será doutor!»

E o Sebastião partiu, trazendo no bolso e na consciência duas cartas de apresentação: uma, para o compadre do pai com loja de barbeiro em sítio popular de Lisboa; outra, a da sua ansia de vencer.

Tempos passados, o Sebastião não era doutor como a mãe profetisara, mas, em compensação, escañoava a cara a muito senhor doutor. Este contacto epidérmico com os rostos barbudos de bachareis e licenciados e o facto de alguns acompanharem o deslisar da navalha com opiniões sobre variadíssimas questões, criaram no espírito de Sebastião uma quasi convicção de que sabia tanto como os doutores.

Neste ambiente, fortalecendo-se diariamente com uma ilustração de barbearia, o Sebastião foi singrando pela vida e já não falava somente sobre os mais complicados problemas, como botava ditos de espírito... criados pela imaginação dos fregueses, é claro.

Certo é que, em determinado momento, montou loja sua em artéria elegante da capital. A freguesia não faltou. O Sebastião mudara de poiso, mas não transformara os hábitos de atirar à clientela frases que julgava conceituosas. Um dia, descobriu uma, ajuntando palavras que ouvira na loja no compadre do pai. Resolveu tirar dela todo o proveito e, assim, quando via um freguez entrar no estabelecimento, interrogava, melifluo: — V. Ex.ª dá-me licença que lhe faça uma pergunta?

— Faz favor.
— Sente-se feliz?
— Integramente.

Logo o Sebastião: — Pois dou os meus calorosos parabéns a V. Ex.ª porque nos tempos calamitosos que vão correndo, a felicidade é coisa difícil de alcançar!

Minutos decorridos, se adregava vêr outro freguez dobrar-lhe a porta atirava

a mesma pergunta: — Sente-se feliz?

— Qual quê, homem?! Isto vai mal!

Logo o Sebastião: — Pois não é caso para dar as minhas condolências a V. Ex.ª porque nos tempos calamitosos que vão correndo, a felicidade é coisa difícil de alcançar!

O mariola servia-se da ideia da mesma frase para as duas situações antagónicas. Ora sucedeu que um dia lhe entrou em casa um freguez novo.

Fez-lhe a pergunta com muitos rodas de V. Ex.ª e, obtida a resposta, retorquiu por seu turno com a cascubida frase.

O freguez abriu os olhos e deitou fala:

— A isso ontem eu que á calamidade inconstante dos tempos que decorrem há que responder com a serenidade de pensamento humano que sirva cabalmente á razão imperativa dos nossos desejos.

O Sebastião ficou como que fulminado.

O outro também era barbeiro.

Pedro de Nelas

PORTUGAL E A CHINA

(Continuação da pág. 9)

É, porém, extremamente delicado o momento para que um ministro plenipotenciário em nação amiga possa fazer declarações capazes de constituir aspecto sensacional. E, por isso, apenas nos foi dado obter alguns momentos de amena conversação, na qual o sr. Lee com uma amabilidade inexcusable, nos afirmou, de maneira calorosa e entusiasta, o seu amor pela Terra Portuguesa e o prazer que sente em representar entre nós o seu país, procurando utilizar todos os ensejos que se lhe ofereçam para radicar, ao máximo, a superior e indestruível estima que une a China a Portugal.

Não deixou o ilustre diplomata de se referir, com palavras da maior simpatia, à Nação Portuguesa, afirmando-nos os seus melhores votos pela nossa prosperidade e engrandecimento, e de exaltar a nobilíssima figura do marechal Chang-Kai-Chek, encarnação da sua pátria distante e gloriosa, que tão denodadamente, numa guerra que já dura há quatro anos e meio, tem lutado pela sua independência. Na verdade, a China, berço duma grande civilização, imensa no seu império, com os seus quatrocentos milhões de habitantes, encontrou, graças a Chang-Kai-Chek, a sua unidade política mostrando ao mundo quanto valem a inteligência, tenacidade, e as legendárias virtudes militares do seu povo.

Salvador Saboya

A N I C A

NOVELA DE ALEIXO RIBEIRO

DE ANICA passaram a chamar-lhe, simplesmente, Nica, por essa graça que está nos seres pequenos e muito vivos, parecendo só feitos de nervos, como ela com aquele seu arzinho esprevidado e fagueiro. A mãe costumava pelas casas ricas, e era de ver o extasiado, minucioso deslumbramento com que a Nica dava fê de tudo. Mas, sofria em silêncio a dôr íntima do seu gato não ser tão bonito como aqueles cachorros ou aqueles bichanos que via nas casas onde a mãe costumava. E lançou ao desprezo o seu gato, ao mesmo tempo que sentindo por êle a pena de não ter tão bonito como os tarecos de luxo.

Depois, achou estúpido o seu amor pelos animais e passou a reparar nos meninos das casas ricas, e nas suas mããs, que vestiam como se fôsem de outro mundo, um mundo que Nica via a dois passos sem poder tocar-lhes com a mão. E, de volta com a mãe ao seu quinto andar, escuro e feio, bem enfronhado no mundo triste que era o da sua vida, desejava ter afagos, como outa para os animaisinhos de luxo, para aqueles meninos ricos, que a olhavam com sorrisos deedenhosos, de fazer pouco.

Mais tarde, quando se empregou de costureira, e pôs um chapêu de pano vermelho, simples, mas foi como o remate do seu orgulho, mais duma vez, de regresso a casa através da cidade elegante, mais dum daqueles meninos, já crescido, lhe fez olhos, lhe disse palavras de agrado. Entretanto, houve um certo, em que ela não reparou, como não ousava reparar em nenhum, mas que ia esperá-la tôdas as manhãs a casa, e fazia o mesmo à noitinha, à saída do atelier. Ela então ia observá-lo pela vidraça. Vestia decentemente, era baixo e moreno; apenas, não era o trigueiro que Nica preferia, e achava-o um tanto gordo, o casaco comprido demais, e um chapêu que não era aparaltado como os dos meninos ricos!

Mas, enfim, foi o Jaime, que ganhava menos mal no escritório e com quem ela veio a casar. Durante a lua de mel, esqueceu que o seu rosto cheio e moreno não correspondia ao que ela sonhara, mas achava-o mesmo assim, meigo, engraçado nos modos. Saía com êle de braço-dado, a tomarem o fresco ou a irem ao cinema, e, pequenina mas vistosa, via o seu encanto propagar-se a todos os rapazes, os mais janotas, que a remiravam. Confundia os seus admiradores com os galãs das fitas (o que não lhe sucedia com o Jaime!), mas, de volta a casa, reparava que o seu marido era honesto e amoroso como aqueles actores, e parecia-lhe um rapaz forte — sim, à americana.

Depois, pouco a pouco, è que foi dando que o Jaime não era tão saudável, sendo nervoso, excessivo, recalçando a todo o momento, só para não lhe desagradar, a ela, a sua irritação febril por pequeninas coisas.

Trabalhava muito, irritava-se no escritório. E, à sua parte, Nica começou a ir a muitas lojas a fazer despesas a mais, e o Jaime teve ainda de trazer trabalho para casa ou de sair para os serões, privando-a mais tempo da sua companhia, indispondo-se mais a miúdo. Até que um dia adoeceu. Nica condenou-se por causa dos seus esbanjamentos, que o tinham posto naquele estado, tendo de o sofrer uns dias no quarto, abatido, olheirento excitável, com a barba por fazer, muito mais feio, menos agradável em todo o sentido. E ela prometeu comeder-se de futuro, foi a enfermeira carinhosa, desvelada. Assim, o Jaime recobrou a saúde, pondo de parte os excessos de trabalho.

Mas, quando Nica voltou a sair, tendo de fazer menores despesas, de não entrar em muitas lojas, prolongou os seus passeios sem destino, notando mais nos rapazes finos e nas grandes senhoras, vendo ela que afinal não andava tão bem posta como lhe parecia, enquanto eram em maior número do que supunha, os elegantes que a miravam.

Um destes, muito novo e simpático, abordou-a em certa rua, descobrindo-se corteza para lhe dizer familiarmente:

— Oh Nica! Como passou?... Já não se lembra de mim? Ora veja, eu não a esqueci...

Era o menino duma das casas ricas, a que ela fôra com a mãe. No seu rosto fino, mimado, havia um extraordinário agrado por tornar a vê-la. Achou-a mais bonita. Lembrou-lhe que se chamava Carlos Alberto. Ela contou que casara e vivia feliz. E, como êle continuasse a bebê-la com os olhos, despediu-se pretextando

do pressa. Carlos Alberto descobriu-se com tôda a delicadeza:

— Nesse caso, não a importuno mais por agora.

E foi a êste «por agora» que Nica fugiu com o seu passinho ligeiro e nervoso, em direcção a casa. Quando ia a entrar, voltou-se por acaso e pareceu-lhe descortinar Carlos Alberto a distância. Foi certificar-se por uma nesga da cortina, mais discretamente do que dantes para ver o Jaime, e deparou com o outro no passeio fronteiro, alto e simpático na sua elegância.

Quando voltou a sair, encontrou, na mesma rua, Carlos Alberto, que logo se lhe dirigiu. Teve para ela o mesmo sorriso, o mesmo agrado, quasi as mesmas palavras. E, como a quisesse demorar, Nica tornou a pretextar inúmeros afazeres. E êle a seguiu-la! Ela entrou em diversas lojas, fez despesas à tôa, completamente desatinada. De volta a casa, desfechou à queima-roupa ao Jaime que queria tornar a empregar-se, pois tinha-se habituado a coisas de que não queria privar-se. Êle recusou porque arranjaria mais trabalho ao serão.

Mas, assim, abandonou-a, mais, enquanto Carlos Alberto continuava a insistir em vê-la armando-lhe ciladas amáveis.

Um dia, para ver se êle deixava de a importunar e explicarem-se devidamente, acedeu a tomarem os dois chá numa loja de luxo. Apresentou-lhe as suas razões, mas sentiu-se bem com Carlos Alberto naquele cenário mundano, como num sonho. E, de súbito, êle convidou-a para um passeio matinal no seu carro, pelos arrabaldes da cidade.

Nica prometeu dar uma res-

posta na fê de que não acederia. Tanto mais que à noite deu com o Jaime doente. Então, pareceu a Nica um crime revoltante o passeio matinal com Carlos Alberto. E encheu-se de meiguice, de desvelos com o Jaime doente, acariciando-o na barba por fazer, beijando-o sobre as olheiras fundas. Todavia, recordava-se de Carlos Alberto, tão macio, alisado, e assaltava-a uma vaga tristeza criminosa, como quando acariciara em tempos o seu bichano vulgar, lembrando-se dos das casas ricas.

Mas, depois, o Jaime recobrou plena saúde, sentindo-se alentado para as mais rudes tarefas. E ela, instintiva, impulsivamente, dispôs-se a aceder à prometida frescata de automóvel. Não trairia o Jaime, mas havia de dar o passeio com o Carlos Alberto!

No entanto, durante a noite, hesitou em abalancar-se a êsse passo. Só, pela manhã, com o dia bonito que estava, se dispôs a arranjar-se para sair antes do Jaime. Como êle estranhasse a saída tão cedo, ela deu-se a intrigá-lo:

— Olha. Vou dar um passeio pela fresca...

— Mas onde vais?

— Sei lá!...

O Jaime ficou macambúzio. E Nica ria-se, a preparar-se ao espelho. Pôs o chapêu com o seu belo sorriso e, já da porta, acrescentou:

— Naturalmente venho tarde...

Saiu a porta e foi aos saltinhos pelos degraus. A meio da escada deteve-se a escutar, tôda fremente da audácia que tivera para o Jaime e, nisto, um estâmpido seco cortou a surdez lá em cima. Nica soltou um grito e subiu os degraus a quatro e quatro, como louca, cheia de lágrimas.



Homens Ilustres da Velha Inglaterra

SIR John Somerset Pakington — foi um grande estadista inglês. Nasceu em Court-Powick, condado de S. Worcester, no último ano do século XVIII. Fez os seus estudos na famosa universidade de Oxford. Ocupando-se, em parte da administração dos importantes bens possuídos por sua família, não deixava de activamente tomar parte nos negócios do condado. Seu tio, John Pakington, deixou-lhe a sua importante fortuna.

Foi então que se tornou proprietário do *bourg* de Droitwich, pelo qual se fez eleger ao Parlamento em 1837. Sir Pakington, ficando pertencendo ao partido conservador avançado, tendo sido um dos partidários mais dedicados de Sir Robert Peel, que conseguiu para ele, em 1842, o título de *baronet*.

Combateu, ao lado de Bentinck e de Disraeli a supressão da célebre lei aos *direitos sobre cereais*, na qual via, obstinadamente, uma questão de vida e de morte para todos os proprietários rurais da Gran-Bretanha. Em 1852, quando o seu partido alcançou o poder, ocupou no novo gabinete o lugar de Ministro das Colónias.

Usando da tática muito sua que fez escola e deixou inúmeros adeptos conseguiu — apesar de até aí nunca se ter ocupado de assuntos cloniais

—desempenhar o seu cargo, com agrado e, até, com o explícito reconhecimento das populações das colónias tendo sido, pouco depois de Dezembro do ano em que entrara para ministro, dissolvido o *Gabinete*, Sir Pakington retomou o seu lugar na "oposição", mas desta vez com mais moderação que outrora.

Dedicou-se em especial a melhorar as condições de ensino do povo e fez sobre este assunto no Parlamento um moção "que provocou a discordância dos velhos membros do partido *tory*..

Em 1858, fez Sir Pakington, parte do ministério conservador, sob a presidência de Lord Derby, já com o título de Lord do Almirantado. Desenvolveu desta vez uma actividade tão intensa, que o seu grande mérito foi até reconhecido pelos seus adversários.

A vida de sir Pakington é um exemplo constante da persistência da raça anglo-saxónica; uma dedicação inabalável pela "causa pública", engrandecendo bem o provérbio português *Querer é vencer* — na força de vontade de todos os filhos da velha Albion — que em todo o Mundo e em todos os ramos de actividade humana, demonstram as suas possibilidades de vitória.

Rodolfo Osório

Encadernações do MUNDO GRÁFICO

Capas 10\$00

Empastes 5\$00

Pedidos à Administração
de MUNDO GRÁFICO, L.^{da}

RUA DAS GÁVEAS, 6-2.º
T E L E F . . . 2 5 2 4 0

S P O R T

UMA ESCOLA DE ACROBATAS



Neste ginásio cuida-se da educação física da mocidade. Este atleta de 12 anos executa um magnífico salto, sob o olhar atento do professor



Dois esplêndidos «mergulhos» de estilo irrepreensível. A «piscina» é um vasto colchão de lona com óptimas molas amortecedoras

A CONQUISTA DE LISBOA

por ALVES DE AZEVEDO

Num valioso estudo sobre os «Destinos da Grey» da autoria do ilustre economista Dr. Marques Guedes diz este autorizado cultor das Ciências históricas, reportando-se a Gama Barros, que é grande a escassez de documentos e indicações sobre a população medieval, em Portugal e na Europa.

Quando se pretende esboçar um estudo demográfico de Meia Idade peninsular, não podem esquecer os êrmos de Reconquista. Quando a onda visigótica ia despojando da terra o Mouro às lançadas, as cidades eram devoradas, as searas taladas e os habitantes passados ao fio da espada. A obra dos Reis do nosso primeiro século de história é a do povoamento do nosso reino! Mas conjuntamente com a reconquista levada a cabo por vezes com o auxílio dos cruzados que no Caminho para a Terra Santa aqui faziam escala começou a colonização do futuro Portugal. Não tem sido suficientemente posta em relêvo a acção dos cruzados sobre este aspecto.

«Cruzadas se chamaram as expedições sucessivas que da Europa se dirigiram ao Oriente para combater os sarracenos dominantes. Ao brado suggestivo e impulsor de «Deus o quer!», lançado pelos propagandistas da guerra santa, levantaram-se milhares de homens, vindos de todos os Estados da Europa, e que adoptaram, como emblema de ligação e de irrevogável compromisso, uma cruz vermelha de pano pregada sobre o ombro esquerdo das vestes, que lhes deu como é sabido a denominação de Cruzados» (1).

Não é de mais insistir na explicação do papel que tiveram os Cruzados na fundação de Portugal.

Sem dúvida a sua influência no nascente estado português o poderoso elemento que representava a força operosa foi das maiores. O espírito português de cruzado nasce algo do contacto dos cavaleiros portugueses com os defensores da fé pois à semelhança daqueles «Cruzada permanente era a que se trabalhava na península onde a cada instante se media a espada cristã com a cimitarra mourisca» (2). Este clima de guerra religiosa era de tal modo intenso que, seduzidos por êle muitos cruzados, não fosse seu lema «Non nobis Domine, sed nomini tuo da gloriam» se deixaram ficar em Portugal onde a par disso lhes ofereciam garantias territoriais e lhes reconheciam direitos.

Assim a armada que ajudou D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa e fazia parte da 2.^a cruzada prégada por S. Bernardo trazia a bordo dos seus 190 navios 13.000 homens entre ingleses, normandos, aquitanios, e flamengos.

Parece terem sido os ingleses os cruzados que mais se distinguiram na conquista de Lisboa — embora os outros tenham para isso também contribuído.

Doi-lhe o estomago quando acaba de comer?

Quando as digestões são difíceis, se sofre de azia ou de flatulencia, é um verdadeiro tormento comer. São dores, má disposição, o demónio.

Mas é fácil acabar com todos estes males. Basta ter o cuidado de tomar 2 Pastilhas Rennie, depois de cada refeição, para se poder apreciar o prazer das boas comidas.

Na composição das Pastilhas Rennie entram: anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem os gases e fermentos que facilitam o trabalho digestivo.

As Pastilhas Rennie são fáceis e agradáveis de tomar. Não é precisa água. Desembrulham-se, metem-se na boca e chupam-se como qualquer caramelo. A própria saliva se encarrega de servir de veículo aos seus componentes, que atingem o estomago com tôdas as propriedades e força, sem a menor diluição. Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estomago em cinco minutos. Vendem-se em tôdas as farmácias.

Assim pensava Camões quando escrevia:

*«É tu, nobre Lisboa, que no mundo
Fácilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania acesa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste à força portuguesa,
Ajudada também de forte armada
Que das Boreais partes foi mandada».*

Afonso Henriques, herdeiro da espada Temerária do Conde D. Henrique de Borgonha e da astúcia e sagacidade de D. Tereza, não esquece as palavras derradeiras de seu velho Pai, murmuradas com o sópro da morte (3):

«Filho, toma esforço no meu coração!»
«Tôda a terra que deixo que é de Astorga até Leão e até Coimbra, não percas dela coisa nenhuma, que eu a tomei com muito trabalho. Filho, toma esforço no meu coração! e sê semelhante a mim, e sê companheiro dos fidalgos e dá-lhes todos os seus direitos, aos concelhos.»

Assim, além de tudo quanto lhe deixa D. Henrique lega ao filho um pensamento político de governo que êste se empenha em realizar.

Nesta ordem de idéias procura fortalecer a nação incipiente colonizando-a interiormente dedicando tôda a sua actividade, na paz, em fixar aos territórios conquistados a população cristã «e na distribuição das terras só pôe dúvida em que beneficiem os Cruzados estrangeiros que neles pretendem instalar-se, com a condição de as colonizarem e defenderem» (4).

«No ano de 1151 foi mandado a Inglaterra D. Gilberto — antigo Cruzado inglês, a quem El-Rei tinha investido no bispado da nova sede de Lisboa, a-fim-de ali encontrar o auxílio de uma armada de cruzados, que tomaria parte no cerco de Alcácer.»

Chegou a armada na primavera de 1152 e quando entrava no Sado, a fechar o cerco pelo rio, D. Afonso com a sua hoste ia investir o Castelo por terra. Mas a forte Alcácer resistiu e os sitiantes foram forçados a levantar o assédio.

Cabe ainda no âmbito dêste artigo a referência embora ligeira dos principais sucessos a que está mais inteiramente ligada a acção dos cruzados ingleses. Segundo o escritor militar antigo oficial sr. Satorio Pires o seu papel na conquista de Lisboa foi de vulto, distinguindo-se principalmente os bretões nos sucessivos assaltos que tentaram.

Para melhor elucidação e reportando-me a Castilho devo dizer que o contingente inglês se compunha de quatro brigadas:

«A primeira dos guerreiros arregimentados em todo o Norfolk e Suffolk; era seu cabo Herveus de Glanvilla. O apelido existe; o nome próprio morreu; mas usou-se na Inglaterra o Hervey, e em França Hervé.»

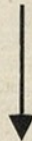
A segunda Brigada constava de tôdas as naus de Kent (no latim Cantia), condado cuja cabeça é Carantorbery (Cantuaria). Capitaneava-a Simão Dover, ou Dorobernensis, como alatinadamente escreve Osberno.

A terceira Brigada eram as naus dos londrinos, que tinha por chefe um homem de armas certamente nobre, chamado André; é o nome que lhe dá Osberno, sem mais nada.

Da quarta Brigada era chefe o capitão da Normandia, então unida à Inglaterra, Saherio de Arcellis, à latina, ou d'Archelles, à francesa.

A brilhante prosopopeia, que lhe atribui Osberno, toca tôdas as teclas do coração de um homem de armas rude do século XII; fala-lhe na glória, no serviço de Deus; excita-o na emulação, capta-o pela cobiça (a necessidade é mestra de retórica, de um amigo); e por fim, como se não bastassem tantos dispêndios oratórios, vê-se o guerreiro inundar de lágrimas a peroração, e, num impeto de humildade cristã, correr a atirar-se aos pés do rebelde Vitulo, seu duro contendor; e nisso o imitam unanimemente todos os principais da armada.

MÁQUINA
DE ESCREVER
NÃO ERA
CONHECIDA
ATÉ QUE
EM 1873



REMINGTON



CONSTRUIU
A PRIMEIRA

MÁQUINAS:

Comerciais

Portáteis

Somar

Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO
COM PESSOAL
ESPECIALIZADO

Ficheiros

KARDEX

e Arquivos

LISBOA

R. da Misericórdia 20-1.^o
TELEFONES: 21802 - 21803

PORTO

R. Sá da Bandeira, 69-2.^o
TELEFONE: 1 276

CINEMA

VIAGEM À VOLTA DOS ESTÚDIOS INGLÊSES

Londres é uma das metrópoles mais assíduas ao cinema. Faz parte dos seus hábitos cotidianos frequentar, a qualquer hora, de tarde ou à noite, as salas cinematográficas que, em média, realizam cinco sessões diárias. Em cada uma delas regista-se uma afluência extraordinária, prova evidente de que a confiança voltou a reinar em todos os espíritos e de que os negócios, resistindo às flutuações provocadas pela guerra, atingiram uma fase de brilhante prosperidade. À noite, a despeito da escuridão que se observa nas ruas, como medida de precaução contra os ataques aéreos, o público acotovela-se, junto das bilheteiras, no incontido desejo de conhecer as últimas novidades dos estúdios.

Felizes os que realizam o seu intento, após uma demorada permanência na «bicha...» Aos outros, os mais retardatários, sucede-lhes depararem com um quadro luminoso em que é freqüente ler-se: «Lotação esgotada». Este entusiasmo do público pelo espectáculo cinematográfico não só demonstra uma admirável serenidade como, também, justifica, em todos os sentidos, a excelente qualidade dos filmes produzidos pelos estúdios ingleses e americanos.

Na realidade, o público foi, com o seu estímulo vivificador, o grande obreiro do ressurgimento do cinema britânico. Em todos os estúdios da «City» reina uma actividade febril. Nunca, como em plena guerra, as firmas produtoras realizaram um esforço tão gigantesco para abastecer os cinco mil salas do continente inglês, com filmes da melhor qualidade técnica e artística. O panorama é curioso e digno de meditação. Vejamos as surpresas e novidades que nos oferece:

A dois passos de Londres, Leslie Howard, o homem que realizou «Pigmalião», está procedendo às últimas filmagens de «First of the Few», cuja acção historia a vida do engenheiro H. R. Mitchell, que se tornou famoso pela concepção dos planos de construção dos célebres aparelhos de caça — «Spitfires».

Exaltando o papel da aviação naval, encontra-se em montagem outra grandiosa película sobre a acção eficaz dos porta-aviões. O filme, que fixa maravilhosos lances da epopeia marítima, intitula-se «Ships with Wings» e foi dirigido por uma das mais fulgurantes promessas do cinema britânico: Serge Nolbandov. No seu desempenho participam John Clements, que vimos em «O Leão dos Mares»; Jane Baxter e Michael Rennie, aquela no papel de filha do comandante do porta-aviões em que ambos são oficiais.

A Warner Bros, poderosa firma americana, dando começo à realização dum vasto plano de produção em Londres, prepara, para breve, a filmagem de «Fortaleza Volante», nos estúdios de «Teddington».

A Rádio-filmes, animada pelo brilhante exercício da última temporada, em que promoveu a feitura de algumas notáveis produções, projecta fazer um filme de guerra, sem carácter de propaganda, com Cary Grant e David Niven.

Tal é o panorama que nos oferecem os estúdios britânicos.

António Lourenço



Robert Taylor e Vivien Leigh em «A Ponte de Waterloo», o novo filme da M. G. M.



Esta foto de Marsha Hunt veio expressamente de Hollywood para os nossos leitores



Lana Turner, que os estudantes americanos elegeram sua vedeta favorita

MUNDO GRÁFICO



Ao lado da
R. A. F.,
as asas americanas
encherão
o mundo
da sua glória e
da sua
temeridade